

UMA BREVE INTRODUÇÃO AO ANARQUISMO NA BAHIA

A BRIEF INTRODUCTION TO ANARCHISM IN BAHIA

UNA BREVE INTRODUCCIÓN AL ANARQUISMO EN BAHIA

Carlos Baqueiro¹

Resumo: Esse trabalho é resultado de uma pesquisa histórica sobre a temática do surgimento e propagação do anarquismo na Bahia, desde o século XIX até os dias atuais. Apresenta as primeiras experiências que vieram para o Brasil e a influência teórica de pensadores anarquistas europeus e russos tais como Proudhon, Bakunin e Kropotkin. A pesquisa teve como fonte jornais da época e atuais: Jornal a Imprensa; Jornal a Época; Diário de Notícias; Correio da Bahia; Jornal a Tarde, tendo como fonte de consulta os arquivos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Nesta perspectiva o autor considera relevante a continuidade das ideias libertárias que ocorreram nos últimos 120 anos.

Palavras Chave: história; anarquismo; Bahia

Abstract: This work is the result of historical research on the theme of the emergence and propagation of anarchism in Bahia, from the 19th century to the present day. It presents the first experiences that came to Brazil and the theoretical influence of European and Russian anarchist thinkers such as Proudhon, Bakunin and Kropotkin. The research was based on newspapers of the time and current ones: Jornal a Imprensa; Jornal a Época; Daily News; Post Office from Bahia; Jornal a Tarde, having as a source of consultation the archives of the Hemeroteca of the National Library. In this perspective, the author considers relevant the continuity of libertarian ideas that occurred in the last 120 years.

Keywords: History. Anarchism. Bahia

Resumen: Este trabajo es el resultado de una investigación histórica sobre el tema del surgimiento y propagación del anarquismo en Bahía, desde el siglo XIX hasta nuestros días. Presenta las primeras experiencias que llegaron a Brasil y la influencia teórica de pensadores anarquistas europeos y rusos como Proudhon, Bakunin y Kropotkin. La investigación tuvo como fuente periódicos de la época y actuales: Jornal a Imprensa; Diario a Época; Noticias diarias; Correos de Bahía; Jornal a Tarde, con los archivos de la

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental do Estado da Bahia. E-mail: baqueiro2011@gmail.com

Hemeroteca de la Biblioteca Nacional como fuente de consulta. En esta perspectiva, el autor considera relevante la continuidad de las ideas libertarias ocurridas en los últimos 120 años.

Palabras clave: Pedagogía Libertaria, TIC,s, anarquismo, capitalismo

Em 6 de Novembro de 1897, o jornal baiano Diário de Notícias oferece aos seus leitores, na primeira página, a notícia sobre o ataque de um “desvairado” contra o presidente Prudente de Moraes, que visitava um quartel carioca, quando o Marechal Carlos Machado foi assassinado.

Provavelmente, por conta das notícias de ataques de anarquistas a autoridades na Europa e nos Estados Unidos, os editores do jornal tentam relacionar o crime no quartel carioca àqueles ataques. Interessante notar que naquele momento havia poucos vestígios de anarquismo no Brasil, e muito menos evidências de existência de anarquistas na Bahia.

A mais conhecida ação de anarquistas no Brasil, no final do Séc. XIX, foi a Colônia Cecília, organizada pelo italiano Giovanni Rossi e seus amigos também italianos, que construíram uma colônia no interior do estado do Paraná, e que não tinham qualquer objetivo de implantar o terror destrutivo no país. Mas o jornal baiano estava decidido a ligar anarquismo ao terror. Assim, dentro do corpo da notícia, escreve-se:

Todavía a anarchia só tem conseguido até agora perturbar a segurança administrativa dos povos, desmoralizando-lhe os créditos, arruinando o trabalho pacífico, conflagrando a tranquilidade das famílias, n´uma obra satânica contra a qual se devem conciliar todas as energias das classes conservadoras. E o assassinio político, produto mais genuíno dessa deterioração dos reformadores degenerados, dos políticos impulsionados pelos interesses da desordem, apenas intercala uma página de sangue na triste história dos desvarios humanos (Diário de Notícias, 06 de Novembro de 1897. Encontrado na Hemeroteca na Biblioteca Central da Bahia, em papel. Pesquisa em Julho de 2019).

Em 4 de agosto de 1900, o baiano Ruy Barbosa, em artigo no jornal *A Imprensa*, no Rio de Janeiro, segue a mesma linha de pensamento para atacar o anarquismo. E vai além, porque parte do princípio de que a ciência demonstra que anarquistas têm mentes doentias.

Obviamente, utilizando-se de estudos de pesquisadores europeus e norte-americanos, que já há algum tempo, financiados pela burguesia industrial, precisam criminalizar os atos anarquistas, que tentam difundir a ideia de que a classe trabalhadora deve pôr fim à exploração a que estava sendo submetida.

Assim, para Ruy Barbosa:

É ‘a nova escola’, a escola da antropologia criminal, a que se pronuncia pela irresponsabilidade em muitas das façanhas do anarquismo. Não são juristas Lombroso, Larchi, Ferrero, o Dr. Régis, todos esses escritores, que, nos últimos tempos, têm consagrado à epidemia do anarquismo sob a sua forma de sangue estudos especiais. Com um quadro estampado no seu *Delito Político* se empenhou em mostrar o primeiro desses autores a verificação do tipo dos criminosos natos nos regicidas, fenianos e anarquistas. Quase todos apresentam nas lesões anatômicas e nos estigmas psicológicos o cunho da predestinação fatal. Ravachol e Pini tinham na fisionomia todas as feições da mais abjeta brutalidade. (Jornal *A Imprensa* (RJ), dia 4 de agosto de 1900. Artigo reeditado na coletânea *O Divórcio e o Anarchismo*, 1933, Editora Guanabara, RJ)

Referindo-se ao mesmo período em que Ruy Barbosa escreveu seu artigo no Rio de Janeiro, no artigo de Jussilene Santana, publicado no jornal *Correio da Bahia*, de 6 de Janeiro de 2002, conta-se sobre, provavelmente, a primeira aparição pública do anarquismo em corpo e alma na cidade de Salvador.

Especificamente, ainda, em uma rua entre as Igrejas das Mercês e da Piedade. Segundo a pesquisadora, em uma edição do *Diário de Notícias* do começo do Séc.XX, o português Manoel Conde, pessoa de pouca conversa, proprietário de um imóvel naquelas bandas, foi intimar seu inquilino, Sávio Carioli, um italiano, sapateiro anarquista, impulsivo, a pagar o aluguel que lhe devia.

Carioli e Conde, então, se bateram frente a frente. O italiano e o português. O anarquista e o capitalista. Gritando a plenos pulmões, Carioli fez um discurso inflamado sobre a malignidade da propriedade privada e a exploração da raça humana. Conde assistia a tudo entre perplexo e assustado. Em meio à confusão, o som do tiro veio antes da dor. Sávio Carioli desfechou a arma no peito do adversário, correu para dentro de casa e, aos berros, ateou fogo no próprio corpo. A multidão que se formava se dividiu no socorro, mas nada pode fazer para deter a tragédia. (Correio da Bahia, 06 de Janeiro, 2002, Arquivo Pessoal)

Não é difícil imaginar como os artigos e as notícias sobre anarquistas e anarquismo, de uma forma geral, devem ter fortalecido na Bahia o mesmo ponto de vista que construía a mídia do sul do país, como, por exemplo, por meio do termo “flor exótica”, que deram aos imigrantes que traziam a ideologia libertária da Europa, tentando subverter uma pretensa formação pacífica da população brasileira.

Mesmo sem qualquer ação libertária visível pelo estado, os ataques continuam, até mesmo vindos de indivíduos que parecem ser simpáticos a alguma forma de socialismo. É o caso de J. Pires do Rio que escreve “As Gréves e as Guerras”, em 1911.

Pode-se observar em um recorte do livro o que ele pensa a respeito do anarquista:

O doloroso espectáculo de uma sociedade de ricos e de pobres, impressionando a um espirito impulsivo, violento nas revoltas, faz o «anarquista», na accepção ordinaria do termo, o individuo que age, criminosamente, no trabalho de destruição da actual ordem de coisas.

Fonte: livro *As Gréves e as Guerras*, J. Pires do Rio, 1911. Editado pelo próprio autor.

O autor, que vê com bons olhos as ideias do socialismo científico de Karl Marx, ataca os teóricos libertários. Assim, ele deixa clara sua antipatia por P. J. Proudhon,

Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin por compactuarem pelo fim do Estado, sem o qual, para o autor, estaríamos fadados à desorganização social. E o autor demonstra que está bem informado, pois também cita autores anarquistas como Max Stirner e Benjamin Tucker, como individualistas. E finaliza afirmando ser o anarquismo “em theoria um belo sonho, mas em sua propaganda um absurdo criminoso e a maneira decadente da filosofia socialista”.

Não é difícil imaginar que uma classe privilegiada dentro da vida social queira manter seus privilégios e, obviamente, essa classe encontra maneiras de construir uma ideologia que transforme seus inimigos em inimigos de toda a sociedade, incluindo os miseráveis e os pobres. Transformar anarquistas, que dizem ter o objetivo de buscar a igualdade com liberdade para todos, em terroristas, transformá-los em bandidos, contra os mocinhos que querem manter a paz, é o objetivo final que possibilitará o apoio popular e a consequente repressão.

Mas, claro, essa paz, quase celestial, uma espécie de “fim da história”, desejada pela burguesia, para que cada um saiba seu lugar na sociedade, como em Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley, nunca existiu de verdade. A “paz” é, na realidade, uma construção fantasmagórica, que reflete no fim das contas, uma verdadeira luta de classes. E essa luta é observada na Bahia, até mesmo através das entrelinhas dos órgãos de imprensa da própria burguesia.

Em agosto de 1917, uma evidência de que a população mais pobre e miserável da cidade encontra brechas e coragem para, em determinados momentos, reagir contra a exploração a que é submetida. O Jornal A Tarde registra um protesto ao qual o governo só soube responder com repressão.

Às 10 horas do dia 6 de agosto (uma segunda-feira), o secretário da Segurança Pública coloca a polícia guardando o bairro do Comércio, em Salvador, para evitar apedrejamentos como os que ocorreram dois dias antes; às 12 horas, um comício na Praça Rio Branco já aglomerava cerca de 5.000 pessoas; entre 12 e 13 horas iniciou-se uma marcha em direção ao Palácio da Piedade, onde se encontraria o Governador.



Fonte: Encontrado digitalizado na Biblioteca Central do Estado da Bahia (parceria com A Tarde)

Após alguns pequenos conflitos, em frente ao Palácio, entre a população e os policiais, a cavalaria intervém “de espadas desembainhadas, acutilando os combatentes com ferocidade”. No final da batalha, contaram-se 17 feridos e, pelo menos dois mortos, Manuel Felix de Souza, de 23 anos, com uma bala no tórax, e Aquino da Conceição, de 25 anos, com tiro no abdômen. À exceção de dois estudantes e de Pedro Mello, diretor do gabinete de identificação, todos os outros eram trabalhadores e operários, o que demonstra claramente a participação popular no movimento.

Esse acontecimento é importante para observarmos que a própria imprensa burguesa, em determinados momentos, pode deixar exposta a ferida social das desigualdades, mas com limites.

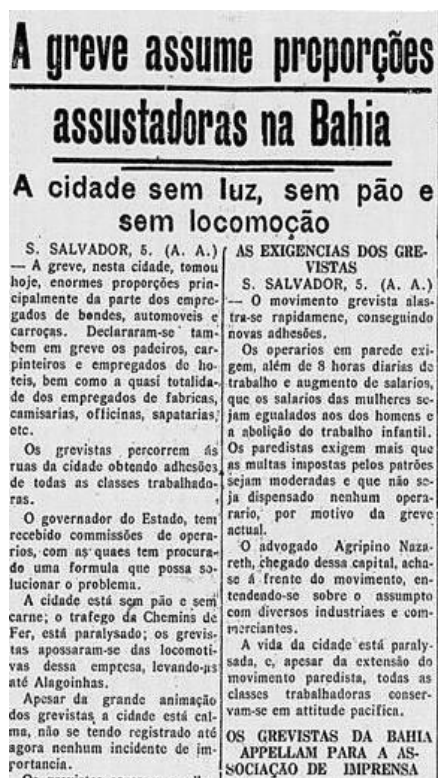
Não é difícil observar nas páginas dos jornais A Tarde e Diário de Notícias da época o apoio aos "manifestantes pacíficos" e uma censura àqueles que depredam locais do governo ou pontos comerciais durante as manifestações. Mas não estão, de modo algum, interessados na radicalização dos movimentos sociais. O interesse deles era

claramente político, com o objetivo de desestabilizar o governo do lado de J. J. Seabra e colocar em seu lugar candidatos a favor de suas reivindicações.

Naqueles acontecimentos não há evidências de que tenha havido presença de anarquistas, nem mesmo, de ideias libertárias permeando a revolta. Mas, dois anos depois, em 2 de junho de 1919, já há indícios da presença de princípios anarquistas dentro da grande Greve Geral que ocorre em Salvador.

Em 6 de Junho de 1919, o jornal A *Época* (RJ) noticia a grande proporção que toma a Greve Geral em Salvador, com a adesão dos funcionários de empresa elétrica e do gasômetro, deixando a capital baiana às escuras. Ainda no jornal A *Época*, de 6 de junho, publicava-se a breve nota sobre um telegrama do governador da Bahia, Antônio Moniz, ao ministro da Justiça, com informações sobre a greve.

Os grandes jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo noticiavam a greve baiana para, segundo eles, demonstrar que as manifestações operárias podem acontecer sem radicalismos e de forma pacífica.



Fonte: Jornal A Época, 6 de Junho de 1919. Hemeroteca Biblioteca Nacional. Pesquisa em 17 de Julho de 2021

Um de seus principais líderes, o advogado Agripino Nazareth, havia retornado à Bahia após o insucesso da “Insurreição Anarquista” em novembro de 1918, no Rio de Janeiro. Sabe-se, inclusive, que o advogado foi detido junto com importantes figuras anarquistas que atuaram no movimento carioca.

Chegando a Salvador, ele se liga ao incipiente Sindicato de Pedreiros e Carpinteiros. E é justamente este sindicato que inicia o movimento grevista dia 2 de junho e carrega outras categorias até o encerramento da greve, dez dias depois, em 12 de junho de 1919.

A inspiração libertária da ação direta e da greve geral é bem clara no movimento. Semelhante ao movimento grevista da Grande Greve de São Paulo, de 1917, de clara

hegemonia anarquista e sindicalista revolucionária, que Nazareth traz de suas experiências com o movimento anarquista no Rio de Janeiro.

Essas inspirações em princípios libertários são afirmadas primeiro no jornal *Germinal*, criado por Agripino Nazareth, com alguns textos bem radicais, próximos àqueles de sindicalistas revolucionários europeus, abordando até mesmo a necessidade de sabotagem no trabalho, o que, junto com a greve, seriam as principais ferramentas dos trabalhadores na pressão sobre seus patrões para melhoria de suas condições de vida.

Com uma dissidência do *Germinal*, nasce *A Voz do Trabalhador*, homônimo do jornal da Confederação Operária Brasileira, de inspiração anarco-sindicalista, e que nasce em 1906 e sobrevive até 1913. O jornal já tem até mesmo a presença confirmada do anarquista Eustáquio Marinho (que também participou do movimento insurrecional dos anarquistas no Rio de Janeiro). Eustáquio também irá participar do Sindicato dos Pedreiros e Carpinteiros.

Para o pesquisador Luciano Guimarães:

Ao contrário de Agripino Nazareth, que se declarava socialista coletivista, Eustáquio Marinho reconhecia-se como anarquista. Essas duas posições orientaram progressivamente divergentes formas de encaminhar as demandas operárias presentes no SPCDC. O resultado dessa cisão foi a divisão do sindicato entre os que consideravam que a luta sindical deveria ser complementada pela luta parlamentar, através da criação de um partido socialista, e aqueles que condenavam tal opção, insistindo que os trabalhadores não se imiscuissem nas disputas eleitorais nem recorressem aos canais institucionais para resolver suas reivindicações, mas que apelassem para o exercício da pressão direta sobre seus empregadores (GUIMARÃES, 2020, p. 115).

Mas, conforme o próprio Guimarães, a existência do Sindicato dos Pedreiros e Carpinteiros é uma exceção no espaço sindical baiano da Primeira República. Não há evidências de outras organizações que tenham trilhado caminho semelhante. E, em meados da década de 1920, aquele sindicato já não existia. Quanto ao anarquista Eustáquio Marinho, afirma-se que ele foi perdendo o entusiasmo pelo anarquismo e, em

1928, já simpatizava com o Bloco Operário e Camponês, braço político-partidário do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Após a década de 1920, sinais de anarquismo em Salvador só serão encontrados nos anos de 1950.

Em entrevista feita pelo poeta Valter Bitencourt ao anarquista e ecologista Antônio Mendes, falecido em 2015, o segundo fala sobre os motivos que o fizeram enveredar pelos caminhos do anarquismo. Então, Antônio deixa claro que a paixão pelo anarquismo nasce com a leitura de alguns livros. Dois desses livros são *Filosofia da Miséria*, de P. J. Proudhon, e *A Grande Revolução*, de Pietr Kropotkin, ambos clássicos da literatura libertária.



Foto da capa, edição editora Progresso, 1950, Acervo Pessoal

A digitalização é justamente da edição de um dos livros lidos por Antônio Mendes. O livro lido por ele no final dos anos 1950, durante uma das revoltas de rua das quais ele participou quando morava ainda em Fortaleza, no Ceará, foi publicado pela Livraria Progresso Editora, de Salvador, Bahia, em 1955.

Descobre-se depois que existia também a edição de *O Anarquismo*, de Pietr Kropotkin, em 1954, pela mesma editora.

Então é isso. Deve existir alguma força que nos incite a acreditar nas possibilidades vindouras das ideias que defendemos. Do que escrevemos e divulgamos, com o intuito de mudar o mundo. E mesmo que não mude o mundo, que ao menos possibilite a mudança de alguma alma vagante da humanidade. Alguém que continue o trabalho anterior e permita a absorção daquele conhecimento por novos espíritos vagantes.

Há, assim, de fato, ligações entre os anarquismos do passado, que nos remetem aos anarquismos do presente, e, por que não, do futuro.

A simpatia de Antônio Mendes² pelo anarquismo ao ler *A Grande Revolução* o levou a Roberto das Neves, um anarquista luso-brasileiro, que vivia no Rio de Janeiro, e que se comunicava com o jovem Ricardo Líper, em Salvador. De alguma forma, a conjugação entre os três parece ter permitido a continuidade das ideias anarquistas na Bahia, a partir da década de 1970.

Não se pode esquecer, revendo esse quadro, do autodidatismo que permite que os anarquistas se “formem” ideologicamente fora de escolas e de universidades, até com certo desdém, por boa parte deles, àquelas instituições.

Foi também assim que anarquistas baianos, em meados da década de 1970, se desgarraram das aulas de história, sociologia ou filosofia de salas de aulas comandadas por marxistas (que eliminavam o anarquismo dos livros e das suas disciplinas). Desgarraram-se e autodidaticamente correram atrás de livros esquecidos em cantos de bibliotecas e de livrarias, e se puseram a ler a pouquíssima bibliografia libertária que existia naquele momento no Brasil.

Ali começaram uma caminhada para a construção de um movimento libertário que criaria o jornal *O Inimigo do Rei* e a revista *Barbárie*. O jornal conseguindo se espalhar com sucesso por quase todo território nacional, entre os anos de 1977 e 1988, com vinte e duas edições. A revista, exitosamente, chegando a cinco edições, entre 1979 e 1982.

2 Essas histórias podem ser vistas em documentário de Carlos Pronzato. Disponível em: https://youtu.be/_wAssIZKG5M

É impossível desconsiderar a herança dessas duas mídias para o movimento libertário que cresce na Bahia a partir da década de 1980: Núcleos Pró-Confederação Operária Brasileira, Movimento Anarco-Punk, organizações anarquistas que nascem nos bairros de Mata Escura, Fazenda Grande do Retiro, Pelourinho, Pau da Lima, todos em Salvador. E tantas outras que nasceram por todo o estado da Bahia: Feira de Santana, Alagoinhas, Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Jequié, Vitória da Conquista, e tantas outras cidades.

Hoje, nesse nosso mundo pandêmico, os anarquistas baianos se globalizaram, às vezes, dispersados e fragmentados pelas redes sociais, alguns ainda agem localmente, outros sem fronteiras de ação, mas a maioria absoluta dando continuidade ao processo de educação libertária através da disseminação pela propaganda, tão intensamente quanto há cento e tantos anos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ruy. **Jornal A Imprensa**. Rio de Janeiro, 4 de agosto de 1900.

GUIMARÃES, Luciano de Moura. **Anarquia na Bahia (1920-1922)** – militância, repressão e circulação geográfica na trajetória de Eustáquio Marinho *In* Revista Crítica Histórica, Julho de 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/10237>, Acesso em 15/07/2021

Jornal A Época. Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1919. Hemeroteca Biblioteca Nacional, online, pesquisa em 15/07/2021

Jornal Diário de Notícias, 6 de Novembro de 1897. digitalizado na Biblioteca Central do Estado da Bahia (parceria com A Tarde)

SANTANA, Jussilene. **Jornal Correio da Bahia**, 6 de Janeiro de 2002. Arquivo pessoal.

J. Pires do Rio. **As Gréves e as Guerras**, 1911. Arquivo pessoal.